

NA SALA DE AULA: ANTONIO CANDIDO E A CRÍTICA LITERÁRIA ACADÊMICA (1961-1970)

RODRIGO MARTINS RAMASSOTE

Mestre em Antropologia. Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Este artigo examina as diversas frentes de atuação promovidas por Antonio Candido entre 1961 e 1970, quando se tornou o principal professor, orientador e responsável pelo curso de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), tomando como fio condutor dois cursos por ele oferecidos: em 1961, Análise crítica do romance, para os alunos do quarto ano do curso de Letras; e, em 1963, Análise poética: Mário de Andrade, lecionado na Especialização do curso de TLLC.

Abstract

This article explores the different fronts of work promoted by Antonio Candido between 1961 and 1970, when he became the main professor, advisor and responsible for the area of Literary Theory and Comparative Literature at Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras of Universidade de São Paulo (USP), taking as a conductor thread two of his lectured courses: Critical analysis of the novel (1961), for fourth year students, and Poetical Analysis: Mário de Andrade, lectured at the TLLC Specialization course.

Palavras-chave

Antonio Candido;
Teoria Literária e Literatura Comparada;
Crítica Literária Brasileira

Keywords

Antonio Candido;
Literary Theory and Comparative Literature;
Brazilian Literary Criticism

“Se você considerar a crítica brasileira atual, verá que alguns dos seus melhores praticantes trabalharam e fizeram pós-graduação comigo” (Candido, 1993b, p. 115).

Este artigo¹ examina as diversas frentes de atuação promovidas por Antonio Candido entre 1961 e 1970, quando se tornou o principal professor, orientador e responsável pelo curso de Teoria Literária e Literatura Comparada (TLLC) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), tomando como fio condutor a sondagem de dois cursos por ele oferecidos: em 1961, Análise crítica do romance, para os alunos do quarto ano do curso de Letras; e, em 1963, Análise poética: Mário de Andrade, lecionado na Especialização do curso de TLLC.²

Por meio da descrição detalhada³ de ambos, pretendo ressaltar a montagem, sob a direção de Candido, de um projeto de ensino e pesquisa bem-sucedido, articulado em vários níveis acadêmicos de atuação: na organização do currículo da Graduação e Pós-Graduação; no recrutamento e contratação, entre alunos e orientandos, de futuros professores; no estímulo à aquisição de acervos intelectuais e pessoais de grandes intelectuais e escritores (incorporando tal espólio ao meio universitário, assim como supervisionando o seu acesso e consulta); na captação de recursos financeiros para pesquisa (através de bolsas de pesquisa da recém-criada Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Fapesp); na implementação de amplos projetos de pesquisa coletiva, e, sobretudo, na formação e treinamento acadêmico de, pelo menos, três gerações de críticos literários.

¹ Este trabalho baseia-se em informações contidas no segundo capítulo da minha dissertação de mestrado, intitulada *A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961-1978)*, defendida no Departamento de Antropologia Social do IFCH-Unicamp sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Heloisa Pontes, a quem agradeço pelas sugestões e leitura atenta, bem como pelo apoio constante.

² A partir desse momento passo a me referir a ele pelas suas iniciais (TLLC).

³ O enfoque deste artigo deve sua inspiração à leitura dos trabalhos de Geertz (2002), Corrêa (1998), Pontes (1998), Kuper (1978) e Cardoso de Oliveira (1998).

Não pretendo aqui explorar em detalhe a estrutura e dinâmica organizacional do curso de TLLC, como já o fiz alhures (2006), o que nos levaria longe demais, mas tão-somente destacar, com ênfase nas atividades realizadas em sala de aula com alunos, orientandos e futuros colegas, alguns fatores que, a meu ver, podem explicar, de um lado, a constituição de uma área de pesquisa cuja coesão intelectual e institucional conferiu a seus membros componentes uma identidade profissional que nos permite, ainda hoje, reconhecer um certo estilo de trabalho distinto de outros centros de pesquisa ou segmentos da crítica literária e, de outro, a notoriedade amealhada por Candido no campo da crítica literária contemporânea.

1. Romances e personagens

Antes de passar ao exame dos cursos indicados, objeto central deste artigo, faz-se necessário descrever, ainda que sumariamente, a constituição do arcabouço institucional do curso de TLLC. Com o apoio de um grupo de professores da USP, Candido solicitou à Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1959 – quando ainda lecionava na Faculdade de Filosofia e Letras de Assis – a criação, em caráter experimental, do curso de Teoria Literária para integrar o currículo do curso de Letras, com o objetivo de aperfeiçoar a formação acadêmica dos alunos nessa área de estudos. Para facilitar a tramitação do pedido, o curso foi inicialmente denominado de Teoria Geral da Literatura⁴, alegando-se como justificativa a existência de disciplinas introdutórias congêneres em outros cursos de ciências humanas, como Direito, História, Educação, etc.

Ao iniciar as atividades, no início de 1961, o currículo acadêmico do curso ficou composto da seguinte forma: no âmbito da Graduação, foram criadas duas disciplinas, inicialmente facultativas – Introdução aos Estudos Literários, oferecida para os alunos ingressantes, e Teoria Literária, destinada às turmas do quarto ano, ambas ministradas por Candido. Em extensa carta enviada em 1963 a João Alexandre Barbosa, então professor da Universidade Federal de Pernambuco,⁵ Candido comentava que:

⁴ Já no ano seguinte Candido providenciaria a alteração da denominação inicial do curso para “Teoria Literária e Literatura Comparada”.

⁵ Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, João Alexandre Barbosa seguiu carreira na área das letras, assumindo em 1963 a direção do curso de Teoria Literária na então Universidade do Recife. Seus contatos pessoais com Candido têm início no II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado, em 1961, pela Faculdade de Filosofia e Letras de Assis. Com o golpe de 64, decide deixar o cargo na capital de Pernambuco após ter por “duas vezes a nossa casa invadida pela polícia, pelo exército”. Na ocasião, procurou por Candido “que acenou com a possibilidade de vir para cá (São Paulo)”. No entanto, “nesse mesmo ano, o Antonio Candido foi convidado para ir a Paris, mas, através de recomendação e correspondências dele com o escritor Cyro dos Anjos, que era Diretor do Departamento de Letras da Universidade de Brasília, eu fui para lá com minha família no início de 1965” (Barbosa, 1995, p. 26). Com a invasão dos militares e a demissão de boa parte do quadro docente da Universidade de Brasília, João Alexandre Barbosa é convidado para trabalhar, a partir de 1969, no curso de TLLC, em cujo âmbito defende, em 1970, sob a orientação de Candido, tese de doutorado sobre a obra crítica de José Veríssimo.

A fim de verificar a viabilidade, eficácia e aceitação do Curso, pedi que fosse considerado totalmente facultativo em todos os níveis, e assim tem sido [...]. Os cursos despertaram interesse. O do 1º ano, sendo facultativo, foi seguido talvez por mais da metade dos inscritos nos cursos de letras, que o reputam importante para a iniciação. Este curso introdutório é mais ou menos fixo, e vai mudando aos poucos cada ano com a experiência (Candido, 1995b, p. 32).

Com a consolidação do curso, entretanto, a disciplina Introdução aos Estudos Literários torna-se obrigatória no currículo dos alunos: “Neste ano [1963] a situação mudou com a revisão curricular, alguns professores estabeleceram Teoria Literária como obrigatória na 1ª série [...]”. (Candido, 1995b, p. 32). Por outro lado, em decorrência do estágio formativo avançado do público discente, a disciplina oferecida para o quarto ano permanece eletiva, com base em seminários de estudo: “Nas séries finais, impõe-se o curso monográfico ou o seminário em torno de um problema [...]” (*Idem, ibidem*, p. 32).

Enquanto que para os alunos de Introdução aos Estudos Literários o conteúdo da matéria lecionada, conforme indicação de Candido (1995b), consistia na discussão sobre a natureza da obra literária; dos fatores internos (normas, gêneros, estilo) e externos (sociais, culturais e psíquicos); da função social, recepção crítica e influência cruzada entre obras; e, por fim, dos modos de estudá-las (erudito, histórico, analítico e ensaístico), embasada em leituras de ficção e poesia centradas de preferência em “autores tradicionais”, destacou-se Gregório de Mattos, Raimundo Correia, alguns trechos de José de Alencar e contos de Machado de Assis, os cursos de “Teoria Literária”, oferecidos para o quarto ano, dedicaram-se, nos anos de 1961 e 1962, ao estudo da Teoria e Análise do Romance, preocupados em examinar autores vinculados ao movimento modernista e releituras atualizadas dos “clássicos”, como, por exemplo, José de Alencar (*Senhora*) e Machado de Assis (*Quincas Borba*, alguns contos)” (Candido, 2004, p. 8).

E com isso chegamos à primeira disciplina que gostaria de chamar a atenção: Análise crítica do romance, oferecida em 1961. O primeiro semestre foi dedicado ao estudo de questões de ordem teórica, enquanto no segundo analisou-se em sala de aula o romance *Senhora*, de José de Alencar.⁶ Ao final dos trabalhos, entre os meses de outubro e novembro, por iniciativa de Candido, foi realizado um seminário interdisciplinar em que, a partir de decisão dos alunos, se aprofunda-

⁶ Em passagem do ensaio “Crítica e Sociologia” (2000a), Candido assinala, para exemplificar os princípios teórico-metodológicos de seu método crítico, a importância das relações mercantis sobre as quais repousa o matrimônio dos protagonistas como aspecto estrutural decisivo na composição do romance, assunto certamente tratado durante as discussões da disciplina lecionada. Tal curso foi decisivo na definição da trajetória intelectual e acadêmica de Walnice Nogueira Galvão, formada Ciências Sociais pela FFCL-USP, e das primeiras alunas a frequentar os cursos ministrados por Candido. Após lecionar durante um curto período na Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto (SP), retorna em 1965 à instituição de origem para integrar o quadro docente do curso de TLLC. Em 1970, defende tese de doutorado na área de sociologia, sob a orientação de Ruy Coelho, a respeito do romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, publicada com o título de *As formas do falso* (1971).

ram questões relacionadas ao tópico personagem.⁷ Como descreve Candido, a intenção foi

realizar com os alunos uma abordagem interdisciplinar, sugerindo a eles que escolhessem para a discussão o tópico que desejassem: romance, personagem, enredo, tempo ou espaço. Sem hesitar, eles selecionaram como assunto a personagem [...]. O interesse em um curso interdisciplinar devia-se, inclusive, à preocupação com a literatura comparada. Houve uma grande transformação na literatura comparada a partir do Congresso da Literatura Comparada em Chapel Hill. Até então, a literatura comparada consistia na influência de um texto sobre o outro, ou então o estudo da presença de uma obra em outro país. Por exemplo: como o Fausto, de Goethe, foi lido na França? Quais foram as viagens de Stendhal? Após o Congresso, sob a influência de estudiosos como René Wellek, a noção de literatura comparada ampliou-se muito, passando a ser, por exemplo, estudos de literatura e cinema, literatura e pintura, literatura e o negro, etc. Isso passou a ser considerado como literatura comparada” (Depoimento concedido em 15/06/2005).⁸

Em nota acima, vimos que, ao assumir a direção do curso, Candido providenciou a mudança de sua designação para “Teoria Literária e Literatura Comparada”, em função de suas principais convicções sobre o ângulo adequado para o estudo da constituição do sistema literário brasileiro⁹. Por outro lado, é possível identificar em artigos de Candido nos quais a perspectiva comparada ganha destaque uma reflexão mais ampla sobre o contexto histórico e social subjacente aos livros e autores em confronto, o que revela a presença de um projeto intelectual mais geral que atribui à criação literária uma dimensão central para a interpretação da formação da identidade cultural do país, cujas premissas remontam ao ideário crítico assumido pelo grupo *Clima10* (daí não ser casual a convocação de dois de seus mais destacados membros, posteriormente incorporados aos quadros universitários da USP).

⁷ Cf. Candido (1987). O seminário contou com a presença de Anatol Rosenfeld, Paulo Emilio Sales Gomes e Décio de Almeida Prado, colaborando em suas respectivas áreas de interesse e estudo.

⁸ Candido refere-se, nessa passagem, ao 2º Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC/IACL), ocorrido em 1958 na University of North Carolina. A respeito do assunto, ver Nitrini (2000) e Carvalho (2006).

⁹ Para além do interesse específico de crítico e estudioso de literatura comparada, certamente pode-se reconhecer nessa convicção a influência das ciências sociais - sobretudo as noções antropológicas de contato, assimilação e mudança cultural -, tal como Candido descreve: “A idéia antropológica de cultura, implicando as idéias de totalidade e organicidade influenciou na minha maneira de analisar as obras literárias. Como dizia Ruth Benedict, não se deve montar um Frankenstein cultural, feito de pedaços tomados isoladamente a culturas quaisquer. Do mesmo modo, não se pode, por exemplo, fazer literatura comparada tomando (digamos) a função do dinheiro em Machado de Assis, em Dostoiévski e em Balzac, e efetuar um confronto puro e simples. É preciso tomar a obra de Machado como um todo e ver de que maneira o dinheiro funciona nela [...] Este modo de proceder se harmoniza com teorias da literatura que me influenciaram a seguir” (Candido, 1993d, p.34).

¹⁰ Tal expressão designa um grupo de intelectuais formado por volta de 1939 por jovens universitários do curso de Ciências Sociais da FFCL-USP, os quais editaram, entre 1941 e 1944, a revista *Clima*, periódico que alcançou grande prestígio no meio cultural paulista. Entre os seus principais integrantes, destacam-se Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Paulo Emilio Sales Gomes, Gilda Rocha (depois de Mello e Souza), Lourival Gomes Machado e Ruy Coelho. É possível depreender da postura intelectual desses pesquisadores, a despeito de ênfases e escolhas pessoais, um certo programa de análise e interpretação comum, baseado, se assim o puder resumir, na apreensão das condições sociais e dimensão ideológica enredadas na composição formal da produção intelectual e artística. Sobre o assunto, ver Pontes (1998).

Embora não tenham sido oferecidas disciplinas específicas sobre essa área de estudos,¹¹ Candido organizou, no decorrer do segundo semestre de 1966, um grupo de discussões, em encontros quinzenais, composto por pesquisadores das diversas cadeiras de língua estrangeira do curso de Letras com trabalhos ligados ao tema, o qual ficou conhecido como Círculo de Literatura Comparada.¹² Chegando a funcionar durante dois anos, Candido convidou para tais encontros pesquisadores das diferentes cadeiras de literatura estrangeira que redigiram ou estavam redigindo trabalhos de literatura comparada para discutir os objetos de suas respectivas pesquisas em andamento.¹³

Se levarmos a sério uma afirmação de Candido que assinala o fato de que “as aulas estimulavam meus escritos, e quase todos os meus **ensaios são sucedâneos de cursos e conferências**” (Candido, 1993d, p. 39, grifos nossos),¹⁴ pode-se obter uma visão aproximada do conteúdo dos cursos por meio dos principais ensaios redigidos por Candido. Para tanto, recorro ao ensaio “A personagem do romance”, resultante dessa experiência de ensino, marcado pela reflexão acerca das principais técnicas de caracterização dos personagens fictícios, e, por extensão, sobre “o problema geral da ficção”¹⁵.

Partindo do princípio de que o conhecimento sempre parcial e finito da realidade e do ser humano implica, no âmbito da ficção, na necessidade de simplificação, o que leva o escritor a selecionar e organizar de maneira coerente num personagem uma gama de “traços, gestos, frases, objetos significativos” capazes de torná-lo verossímil na economia interna da obra, Candido afirma que nesse processo de “seleção estrutural” dos traços e atributos que compõem uma determinada personagem importa antes a escolha de elementos expressivos entrosados com a composição geral da obra do que a cópia fiel da realidade, podendo-se concluir que “no plano crítico, [...] o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise de sua composição, não da sua comparação com o mundo. Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só aparecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente” (*Idem, ibidem*, p. 75).

¹¹ A despeito de Candido ter incentivado o estudo da literatura comparada, “só em 1969 foram dados os primeiros cursos regulares, em nível de graduação; aliás, sem prosseguimento imediato. Eles se consolidaram a partir de 1971, aos cuidados de Onédia de Carvalho Barboza” (Candido, 1993a, p. 214).

¹² Ao contrário do que supõe Nitrini, para quem Candido “fundou e dirigiu um círculo de estudos de literatura comparada, de 1962 a 1964, orientando dissertações de mestrado e teses de doutoramento de literatura comparada” (Nitrini, 2000, p. 194), os encontros do Círculo de Literatura Comparada na realidade foram realizados na segunda metade da década de sessenta.

¹³ Cf. Candido (1975; 1993a).

¹⁴ Walnice Galvão recorda que a “seus jovens colaboradores ensinava, com paciência e reticência, que os alunos merecem a atenção de uma aula previamente preparada. [...] A aula deve ser estudada, fundamentada, redigida... e até batida à máquina de antemão. Com isso, dizia, em vez de vocês dispersarem seus esforços, a cada par de anos poderão dispor de um ensaio original quase pronto para publicar” (Galvão, 1992, p.48).

¹⁵ Cf. Candido (1987, p. 7.)

Princípio estrutural, seleção estrutural, coerência interna, verossimilhança: não será difícil perceber que o conteúdo substantivo do texto – que resume as discussões entretecidas com os alunos – condensa as principais preocupações do método crítico de Candido, voltado, na época,¹⁶ para o exame da estruturação da obra literária, isto é, para o “processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (Candido, 1993e, p. 9). Como se sabe, a partir da segunda metade da década de cinquenta, em parte por “influência da leitura de [György] Lukács”, Candido amadurece seu método crítico, cujas primeiras formulações sistemáticas foram expostas em intervenção em mesa-redonda no II Congresso de Crítica e História Literária realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, depois reunidas e refundidas no ensaio “Crítica e Sociologia” (2000a), e cujo primeiro esforço analítico foi delineado no ensaio “Estrutura literária e função histórica” (2000b), publicado originalmente em 1959 na *Revista de Letras* da mesma instituição.

2. A obra poética de Mário de Andrade: ramais e caminhos

No nível da Pós-Graduação – por enquanto Especialização ou quinto ano –, o curso começou a oferecer disciplinas formativas a partir de 1961, ocorridas na “sala 11, a sala de aulas maior do prédio da rua Maria Antônia, às sextas-feiras, às dez, aula dupla, prolongando-se até depois do meio-dia” (Lopez, 1992, p. 43). No primeiro ano de atividades, a matéria lecionada concentrou-se na discussão dos principais problemas de Ecdótica (Edição Crítica),¹⁷ assunto que até então havia recebido pouca atenção “nos currículos de Letras”, examinando, para efeito de demonstração, alguns contos de Machado de Assis – em especial “A causa secreta”.¹⁸

Após o exame em sala de aula da prosa de ficção, os cursos oferecidos, nos anos de 1963 e 1964, para o quarto ano e para a Especialização, centraram-se no “estudo analítico do poema”. Na apresentação do Programa,¹⁹ Candido esclarece que a disciplina não tem como objetivo discutir o “problema da criação poética

¹⁶ Cf. Candido (1992).

¹⁷ Parte do conteúdo ministrado nesse curso encontra-se em Candido (2005)

¹⁸ No ano seguinte, o curso teria como objeto a leitura de *Quincas Borba*, o que revela a importância do autor para as discussões do curso. Nesse sentido, vale lembrar que dois dos principais discípulos de Candido, que depois comporiam o corpo docente do curso, realizaram trabalhos sobre a ficção machadiana. O primeiro, Roberto Schwarz, foi recrutado para auxiliá-lo nas atividades docentes após formar-se em Ciências Sociais. Por recomendação de Candido, obteve em fins de 1961 uma bolsa de pesquisa para aperfeiçoar os estudos em teoria literária no meio universitário norte-americano, permanecendo na Universidade de Yale, durante o período de um ano e meio, sob a orientação do renomado René Wellek. De volta ao país, no final de 1963, o jovem crítico foi nomeado professor-assistente do curso, ficando encarregado das aulas de Introdução aos Estudos Literários.

A outra pesquisadora, Teresa Pires Vara, foi aluna de Candido no curso de Letras da Faculdade de Filosofia e Letras de Assis, passando, a partir de 1964, a frequentar a Pós-Graduação do curso de TLLC, até ser contratada em 1969 para compor a equipe de profissionais da área de TLLC. Em 1972, sob a orientação do antigo professor, defende tese de doutorado sobre o romance *Quincas Borba* (publicada com o título de *A mascarada sublime*).

¹⁹ Parte do conteúdo do curso foi reproduzida em Candido (2004).

em abstrato”, da “natureza íntima” da poesia, mas abordar manifestações concretas de poemas. Tal preocupação expressa a postura pedagógica central adotada no âmbito das atividades de ensino do curso: “ensinar de maneira aderente ao texto, evitando teorizar demais e procurando a cada instante mostrar de que maneira os conceitos lucram em ser apresentados como instrumentos de prática imediata, isto é, análise” (Candido, 2004, p. 8). Em parte pela propalada “vocalização para o concreto”, em parte pela influência do exercício precoce da atividade crítica na grande imprensa,²⁰ as diretrizes gerais das práticas de ensino adotadas assentam sobre a importância atribuída por Candido ao estudo detido de cada poema específico, no qual as discussões de ordem teórica estão entranhadas no cerne da prática textual – “Teoria Literária Aplicada” como ele definirá anos depois (Candido, 1993b, p. 114) –, tendência que se contrapunha ao “ensino de literatura vigente nesse período, marcado sobretudo pelo ângulo histórico: biografia dos autores e caracterização dos períodos literários” (Depoimento concedido em 15/06/2005).

Em 1963, Candido investigou com os alunos a poesia de Mário de Andrade. Decisão inovadora e estratégica, por várias razões. Em primeiro lugar, por ter escolhido dedicar-se ao estudo da principal figura do Modernismo paulista, com quem Candido manteve relações pessoais e intelectuais, forjadas²¹ tanto durante os anos em que exerceu a função de crítico literário na grande imprensa quanto no interior dos círculos literários e intelectuais que frequentou, a ponto de tornar-se, de certa forma, herdeiro dessa tradição intelectual ao contribuir para sedimentá-la no interior da academia.²² Por outro lado, do ponto de vista do programa de ensino, tratou-se de uma opção inovadora no interior dos cursos de Letras, cujo currículo, naquela altura, ficava restrito, em termos cronológicos, das primeiras manifestações literárias surgidas na época colonial ao movimento estético naturalista – admitindo-se, no limite, a leitura das obras de Aluísio Azevedo e Raul Pompéia – seguindo critérios vigentes em âmbito mundial, os quais estabeleciam como legítimas apenas as análises de autores já ajuizados pela tradição crítica. Ao extravasar os limites temporais aceitáveis, contrapondo-se aos padrões vigentes dessa tradição de ensino acadêmico – sintetizados pela afirmação do professor Fidelino de Figueiredo, para quem “só se estuda autor morto, porque a obra já está fechada e você pode fazer a avaliação” (Depoimento pessoal em 15/06/2005) –, Candido investiga boa parte da produção poética modernista nos cursos com alunos do quarto ano e da Especialização, auxiliado nessa tarefa pela pu-

²⁰ Cf. Candido (1992).

²¹ Sobre o pioneirismo ao erigir o movimento modernista como “tema de pesquisa histórico-literária”, ver Arnoni Prado (1992) e Arrigucci Jr. (1999).

²² Conforme Pontes demonstra, ao examinar as relações entre o grupo *Clima* e os principais expoentes do Modernismo paulista, se, num primeiro momento, os jovens universitários enfatizaram sua diferença em relação a eles - utilizando-se como marca distintiva a formação rigorosa e treinamento técnico recebidos dentro da FFLC-USP -, numa fase posterior eles se reconhecem como herdeiros legítimos dessa linhagem intelectual. Cf. Pontes (1998).

blicação “de edições acessíveis dos poetas, as da Editora do Autor, no Rio de Janeiro, dirigida por Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos. Eles fizeram antologias de Cecília Meireles, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes e outros. Com esses livros em mãos, pude dar curso sobre os poetas modernos” (Candido, 2002c, p. 25).²³

Durante meses os alunos investigaram com minúcia o poema “Louvação da Tarde”.²⁴ Mais uma vez, os parâmetros do debate em sala de aula podem ser obtidos pela leitura do ensaio “O poeta itinerante”. No entender de Candido, esse longo poema meditativo, escrito em outubro de 1925, registraria tanto um momento de guinada no itinerário poético de Mário de Andrade, ao realizar a transição da poesia “mais exterior dos primeiros tempos de luta modernista” para as “manifestações de um lirismo mais profundo, menos comprometido com a notação exterior e o pitoresco”, quanto transformações mais gerais no interior do ideário estético modernista, ao incorporar “as conquistas expressionais e temáticas a um esquema do passado”, indicando que a “mensagem da vanguarda poderia se entroncar na tradição” (Candido, 1993c, p. 258). Por meio de uma “descrição crítica” da composição do poema, baseada no exame de seus aspectos técnicos (versificação, ritmo e vocabulário) e de inferências comparativas com certas modalidades tradicionais de poesia meditativa romântica, de procedência inglesa e francesa, Candido demonstra as inovações conferidas pelo escritor paulista na temática: a presença do automóvel no lugar da caminhada solitária ou a cavalo e a extensa amplitude do devaneio, abarcando tanto reflexões pessoais quanto ponderações de ordem mais geral sobre o país. Por tudo isso, conclui que “o tema de ‘Louvação da tarde’ parece transcender ao tempo, na medida em que encarna também o andamento da produção literária, mostrando que Mário de Andrade era capaz de passar do Modernismo propriamente dito à modernidade, que recupera a tradição de superá-la” (*Idem, ibidem*, p. 278).

No decorrer das aulas, surgiu a ideia de proceder com os alunos interessados um levantamento sistemático das anotações marginais inscritas no acervo de livros da biblioteca particular de Mário de Andrade. Nas palavras de Telê Ancona Lopez:

²³ Sobre tal tendência, Candido afirma: “Há uma tradição universitária, não brasileira, mas universal, de você só estudar autores mortos. Tem uma certa justificativa: a obra está pronta, você tem uma perspectiva completa. Na França, por exemplo o primeiro autor moderno a ser estudado na Sorbonne foi Guillaume Apollinaire, em 1960, mais ou menos, depois de 42 anos de sua morte em 1918, por iniciativa de uma mulher, Marie Jeanne Durry. Objeto de tese podia ser, como Valéry foi ainda vivo. Mas dar curso para os alunos não podia. Isso é universal” (Candido, 2002b, p. 25). No entanto, Candido, à frente do curso, adotou “um ponto de vista diferente, inclusive devido ao que li no Anuário do Instituto de Inglês, da Universidade de Columbia, para o ano de 1940, livro que Mário de Andrade me deu. Lá havia um estudo de William York Tindall sobre a pesquisa erudita em literatura contemporânea, tão legítima quanto qualquer outra” (*Idem, ibidem*, p. 25).

²⁴ No “Prefácio” de *Na sala de aula* encontra-se: “Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista, como sempre preconizou a velha *explication de texte* dos franceses. A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível neste ofício” (Candido, 1995a: 6).

Em maio, Antonio Candido contou que os livros do autor de *Macunaíma* eram donos de uma rica *marginalia* que precisava ser levantada e estudada. Eu me assanhei e propus: 'Nas férias de julho se podia fazer isso'. A classe visitou a casa da Lopes Chaves; vimos os livros e em julho, de fato, começamos. Maria Helena Grembecki, uma jovem chamada Yvone Aguilera, depois substituída por Nites Feres, pesquisadora exemplar, e eu. Entramos em 63 e o trabalho só terminou em agosto de 68, isso porque, com a ajuda do professor, começamos a microfilmar. Tombamos os livros e transcrevemos/microfilmamos a *marginalia*. O método era simples: ficha laranja – ou terra de Siennas, como falávamos, convencidas – para o registro bibliográfico e brancas para as anotações de Mário (Lopez, 1992, p. 45).

Dessa iniciativa surgiram as três primeiras dissertações de mestrado defendidas sob a orientação de Candido à frente do curso, já no regime antigo da Pós-Graduação,²⁵ em 1966: *O sequestro da dona ausente*, de autoria de Telê Ancona Lopez;²⁶ *Leituras francesas de Mário de Andrade*, redigida por Nites Teresinha Feres e *Mário de Andrade e l'esprit nouveau*, de Maria Helena Grembecki. Inaugurando o conjunto de pesquisas sobre o movimento modernista,²⁷ principal área temática de investigação do curso, tais trabalhos contaram com o apoio financeiro da Fapesp, que inaugurava com a dotação o fomento de pesquisas na área das Ciências Humanas. Em depoimento proferido por ocasião do 25º aniversário da agência de fomento, Candido relata que:

²⁵ Ao regressar ao país, após lecionar um ano na França, Candido decide expandir as atividades acadêmicas do curso, organizando o currículo da pós-graduação. A partir de então, o curso passa por alterações na estrutura curricular: em lugar da matéria isolada na "Especialização", os alunos deveriam cursar um conjunto de disciplinas, composto por *Teoria Literária A e B*, ministrada por Antonio Candido, e *Teoria e História do Cinema*, sob a direção de Paulo Emílio Salles Gomes, ambas em regime obrigatório; *Sociologia da Arte*, a cargo de Ruy Coelho, *Estética*, lecionada por Gilda de Mello e Souza e, finalmente, *História da Arte*, oferecida por Walter Zanini, todas em caráter eletivo. Como se pode notar, a área ficou nucleada em torno de Antonio Candido, responsável por duas das disciplinas obrigatórias do currículo, sendo convocados para as demais, com exceção de Zanini, os principais membros do Grupo *Clima*. Formada ao redor de intelectuais que compartilhavam um certo ideário crítico comum, essa unidade curricular certamente assegurou uma forte integração institucional e intelectual no interior do programa de ensino e pesquisa do curso, contribuindo em larga medida para homogeneizar as disposições intelectuais e cognitivas dos alunos.

²⁶ Para efeito expositivo, opto, quando a pesquisa foi publicada, pela indicação do título comercial, conservando os títulos acadêmicos originais nos demais casos.

²⁷ Na mesma direção, as dissertações de Lígia Chiappini de Moraes Leite e Vera Chalmers e o doutorado de Suzy Sperber dedicam-se ao levantamento comentado, respectivamente, de material relativo à repercussão do movimento modernista no Rio Grande do Sul (*Modernismo no Rio Grande do Sul*), das crônicas jornalísticas de Oswald de Andrade (*A obra dispersa de Oswald de Andrade: materiais para seu estudo*) e das leituras espirituais existentes na biblioteca de João Guimarães Rosa (*Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*). Encerrando o ciclo de estudos sobre o Modernismo, embora pautadas em proposta de análise diversa, Lígia Chiappini, Vera Chalmers e Telê Ancona Lopez retomam seus temas iniciais de pesquisa, aprofundados, respectivamente, nas teses de doutorado sobre a ficção regionalista no Rio Grande do Sul (*Regionalismo e modernismo: o caso gaúcho*), a produção jornalística de Oswald de Andrade (*3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade*), o ideário ideológico adotado por Mário de Andrade ao refletir sobre a cultura popular e a identidade da nação (*Mário de Andrade: ramais e caminho*), juntando-se ao conjunto a dissertação de mestrado de José Miguel Wisnik (*O coro dos contrários*).

Os estudos superiores de Letras (Literatura e Línguas) começaram no Brasil com a fundação da Universidade de São Paulo em 1934. Creio que depois disso o fato mais importante neste setor foi o apoio dado pela Fapesp a partir de 1963. A princípio este apoio foi tímido e meio desconfiado. Mas em seguida se tornou amplo e mais confiante, ao longo das diferentes gestões da Fundação. Eu fui o primeiro professor que pediu e obteve bolsa para um orientando trabalhar na investigação sobre literatura [...] Com efeito, sempre houve uma certa resistência dos cientistas, não, é claro, quanto à validade intrínseca das Letras, pois são homens de cultura e saber; mas quanto á legitimidade dos estudos que elas comportam. Insensivelmente, faz-se certa confusão entre a Literatura e os estudos Literários [...] A partir do momento em que a Fapesp sentiu bem esta diferença entre atividade criadora e atividade investigadora, as barreiras diminuíram (Forjaz, 1989, p. 33).²⁸

A pesquisa também repercutiu na incorporação do acervo pessoal de Mário de Andrade (composto de livros, documentos e obras de arte) ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), idealizado e fundado em 1962 por iniciativa de Sérgio Buarque de Holanda, De acordo com Caldeira, por sugestão de Antonio Candido, em carta dirigida ao Diretor do IEB – sob a gestão, nesse período, de José Aderaldo Castello –, deliberou-se, em reunião do conselho diretor, ocorrida em 04/11/1966, “a compra do acervo constituído em vida por Mário de Andrade, composto de biblioteca, com cerca de 15 ou 16 mil volumes, arquivos e fichários, preciosas coleções de desenhos, gravuras, imagens, ‘ex-votos’, quadros e esculturas” (Caldeira, 2002, p. 73). A partir de então, formou no IEB um importante núcleo de estudos sobre o Modernismo paulista, responsável pela promoção de pesquisas acadêmicas articuladas, buscando dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelos membros do grupo envolvidos com o assunto.²⁹

* * *

Não foi aleatória a seleção dos dois cursos rapidamente averiguados neste artigo. Neles foram fixadas as principais linhas de estudo e pesquisa desenvolvidas pelo curso – e posteriormente área – de TLLC. Sob a coordenação geral de Candido, foram estabelecidas as diretrizes acadêmicas para a formação sistemática e prolongada de pesquisadores no campo da crítica literária, concebidas através de um programa sequencial de disciplinas (cursadas ao longo da Graduação e Pós-Graduação), áreas de ensino e estudo (principais gêneros literários e discussões no campo da teoria literária),³⁰ autores privilegiados (com destaque para os principais prosadores do século XIX e escritores modernistas) e temáticas de pesqui-

²⁸ Um depoimento mais completo se encontra em Candido (2002d).

²⁹ Destaca-se ainda a grande incidência de pesquisas dedicadas ao exame da crítica literária produzida no país, tais como o doutorado de João Alexandre Barbosa sobre a produção crítica de José Veríssimo (*A tradição do impasse*), e as dissertações de João Luiz Lafeté sobre a discussão a respeito do projeto estético e ideológico nas obras de Tristão de Athayde, Octávio de Faria, Agripino Grieco e Mário de Andrade (*1930: a crítica e o modernismo*), e Adélia Bezerra de Meneses sobre as intervenções críticas de Álvaro Lins, realizado por (*A obra crítica de Álvaro Lins*).

³⁰ Mesmo o gênero dramático, seara em que Candido pouco incursionou ao longo de sua produção crítica, recebeu atenção em curso, lecionado em 1969, sobre “Leitura política dos textos literários: o *Ricardo II* e o *Ricardo III*, Shakespeare”, de cujo conteúdo debatido, num sugestivo paralelo com a

sa (em diversas áreas: trabalhos de edições críticas e estudos de fontes primárias, crítica sociológica, literatura comparada, análise de poesia, história da crítica literária no Brasil). Daí o interesse em examinar, com base nos cursos elegidos, a trajetória acadêmica do curso de TLLC por meio de um movimento analítico intercalado, ora enfocando a atuação organizacional de Candido, ora perscrutando a repercussão desta na trajetória acadêmica de seus diversos integrantes, na tentativa de recompor as circunstâncias em meio às quais foram tomando corpo as características centrais desse nicho intelectual.

Deve-se ter em vista que embora tenha se dedicado aos estudos literários desde o começo de seu itinerário intelectual, colaborando em periódicos culturais e na grande imprensa paulista, publicando livros importantes nessa área de estudos e, ainda, tendo conquistado em concurso o título de livre-docente em literatura brasileira com pesquisa sobre o crítico sergipano Sílvio Romero,³¹ Candido, como se sabe, graduou-se em Ciências Sociais (1939-1941), passando a atuar logo após formar-se como professor assistente da Cadeira de Sociologia II na FFCL-USP – permanecendo nesse cargo até 1958. Pois foi somente com a criação e condução do curso de TLLC que de fato ele passou a exercer atividades de pesquisa e docência e consolidou de vez sua identidade profissional no campo das letras.

Em que pese a importância decisiva desse momento, averigui que pouca atenção foi conferida às condições acadêmicas objetivas envolvidas nesse processo, e cuja bibliografia disponível fica limitada a comentários e evocações laudatórias ou ao registro de dados factuais. De minha parte, procurei enfatizar aqui, ainda que sumariamente, os diversos investimentos acadêmicos nos quais Candido se enfronhou, sugerindo que a conjugação de uma série de fatores de ordem institucional acabou por favorecer-lhe a notoriedade amealhada no cenário intelectual contemporâneo e, em decorrência, a emergência e consolidação do curso de TLLC como um dos segmentos hegemônicos dessa área de estudos, prolongado em distintas direções e vertentes de pesquisa pela trajetória universitária e intelectual de um grupo coeso de discípulos propensos a perpetuar, em suas linhas gerais, o projeto crítico de seu mentor.

conjuntura política de repressão pela qual passava o país, temos notícia por meio do ensaio “A culpa dos reis: mando e transgressão no *Ricardo II*”. Cf. Candido (2007).

³¹ A tese *Introdução ao Método crítico de Sílvio Romero* foi apresentada em concurso para provimento da cadeira de literatura brasileira do curso de Letras da FFCL-USP em 1945.

Bibliografia

- ARRIGUCCI JR., Davi. "Entrevista". In: *Outros achados e perdidos*. São Paulo, Cia. das Letras, 1999.
- BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse*. São Paulo, Editora Ática, 1974.
- _____. "A formação do DTLIC – Depoimento". In: *Magma Revista*, São Paulo, n. 2, 1995.
- BARBOSA, Onédia. *Byron no Brasil*. São Paulo, Editora Ática, 1975.
- BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses. *A obra crítica de Álvaro Lins*. Petrópolis, Editora Vozes, 1979.
- CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *IEB: origem e significados*. São Paulo, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes/Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- CANDIDO, Antonio. "Teoria da Literatura e Pós-graduação". In: *ALFA*, n. 18-19. Marília (SP), FFCL de Marília, 1973.
- _____. Memorial apresentado para concurso de professor titular de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 3 de julho de 1974.
- _____. "Prefácio". In: BARBOSA, Onédia. *Byron no Brasil: Traduções*. São Paulo, Ática, 1975.
- _____. "Prefácio" in CARA, Salette. *A recepção crítica*. São Paulo, Editora Ática, 1983.
- _____. *A personagem de ficção*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1987.
- _____. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo, Edusp, 1988.
- _____. "Entrevista". In: _____. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.
- _____. "Literatura comparada". In: *Recortes*. São Paulo, Cia. das Letras, 1993a.
- _____. Entrevista concedida a Décio de Almeida Prado. In: MARTINS, Marília e ARANTES, Paulo (Org.) *Três Antônio e um Jobim*, Rio de Janeiro, Relume/Dumará, 1993b.
- _____. "O Poeta Itinerante". In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1993c.
- _____. "Os vários mundos de um humanista". Entrevista concedida a Gilberto Velho e Yvone Leite, publicada na revista de divulgação científica da SBPC, *Ciências Hoje*, v. 16, n. 91, 1993d.
- _____. "Prefácio". In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1993e.
- _____. "Prefacio". In: _____. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo, Editora Ática, 1995a.
- _____. "Carta de Antonio Candido" in *Magma*. São Paulo, DTLIC, n. 2, 1995b.
- _____. *Vários escritos*. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1995c.
- _____. "Esquema de Machado de Assis". In: _____. *Vários escritos*, São Paulo, Editora Duas Cidades, 1995d.
- _____. "Crítica e sociologia". In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Publifolha, 2000a.
- _____. "Estrutura literária e função histórica". In: _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Publifolha, 2002b.
- _____. "A grande revolução cultural do país". Entrevista concedida a Walnice Nogueira Galvão, publicada em *Leitura*, Jan/Fev, 2002c.
- _____. "O pioneirismo do mestre". Entrevista publicada na revista *Pesquisa Fapesp*. n. 53, junho, 2002d.
- _____. *O estudo analítico do poema*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2004.
- _____. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2005.
- _____. Entrevista concedida ao pesquisador. São Paulo, 15 de junho de 2005. Comunicação pessoal.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "A vocação meta-disciplinar da Etnografia da ciência". In: *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1988.
- CARVALHAL, Tania Franco *Literatura Comparada*. São Paulo, Editora Ática, 2006.
- CHALMERS, Vera M. *3 linhas e 4 verdades*. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1976.
- CHIAPPINI, Lígia. *O modernismo gaúcho*. São Paulo, IEB-USP, 1970.
- _____. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo, Editora Ática, 1978.
- CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade - A Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista, Edusf, 1998.
- COVIZZI, Lenira. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo, Editora Ática, 1978.

- DINCAO, Maria Angelo; SCARABÓTOLO, Eloisa F. (Orgs.) *Dentro do texto, dentro da vida*. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.
- FERES, Nites Teresinha. *Leituras francesas de Mário de Andrade*. São Paulo, IEB-USP, 1969.
- FORJAZ, Maria Spina. *As Ciências Sociais na Fapesp*. São Paulo, Idesp, 1989.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.
- _____. "A aula". In: D'INCAO, Maria Ângela; SCARABÓTOLO, Eloisa Faria. (Org.) *Dentro do texto, dentro da vida*. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.
- GEERTZ, Clifford. "Como pensamos hoje: a caminho de uma etnografia do pensamento moderno" In: *O Saber Local*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2002.
- GREMBECKI, Maria Helena. *Mário de Andrade e l'esprit nouveau*. São Paulo, IEB-USP, 1969.
- KUPER, Adam. *Antropólogos e antropologia*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1978.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo, Editora 34/Duas Cidades, 2000.
- LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1972.
- _____. "Ser aluna de Antonio Candido". In: D'INCAO, Maria Ângela; SCARABÓTOLO, Eloisa Faria (Org.) *Dentro do texto, dentro da vida*. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.
- NITRINI, Sandra. "Teoria Literária e Literatura Comparada". In: *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 8, n. 22, 1994.
- _____. *Literatura Comparada*. São Paulo, Edusp, 2000.
- _____. "Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada". In: *Informe*. São Paulo, n. 10, 2004.
- PONTES, Heloisa. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro, Editora Cátedra/MEC, 1976.
- _____. "Anotador à margem" In: D'INCAO, Maria Ângela; SCARABÓTOLO, Eloisa Faria. (Org.) *Dentro do texto, dentro da vida*. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.
- RAMASSOTE, Rodrigo M. *A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica acadêmica (1961-1978)*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.
- SPEERBER, Suzy Frankl. *Caos e cosmos*. Leituras de Guimarães Rosa. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1976.
- VARA, Teresa. *A mascarada sublime*. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1976.
- _____. "Esboço de figurino". In: Aguiar, Flávio. *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo, Humanitas/Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999.
- Wisnik, José Miguel. *O coro dos contrários - a música em torno da Semana de 22*. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1977.